

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA



II SERIE—N.º 710 15 c.
29 de Setembro de 1919

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SECULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de SILVA GRAÇA, LTD.
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NUMERO AVULSO, 15 ctv.
Numero avulso em todo o Brazil, 700 réis.

ASSINATURAS: Po- tugal, Colonias portuguezas e Espanha:
Trimestre 1\$90 ctv.
Semestre 3\$75 " "
Ano 7\$50 " "

Redacção, administração e oficinas: Rua do Seculo, 43 — LISBOA

Eau de Cologne "EXCELSIOR"

Producto superior compa-
ravel aos melhores do es-
trangeiro.

A MELHOR QUE SE
FABRICA EM POR-
TUGAL

GARRAFAS a 5\$800, 3\$200 e 1\$600 réis.

"Agua Alexandra"

Preciosa para branquear
e abeludar as mãos, pre-
vine o cietro e as rugo-
sidades.

UNICA NO GENERO

FRASCO 700 réis.

"Agua Nupcial"

Especial para tirar a oleosidade
ao rosto, torna-o mate e sem
brilho. Faz aderir o pó d'arroz.

FRASCO 1\$200 réis.

"Banho de Farellos perfumados"

Magnifico para tornar o banho
delicioso, amacia a pele e dá
uma incomparavel frescura e
suavidade.

PACOTE 400 réis.

A' venda na **PERFUMARIA DA MODA, 5, rua do Carmo, 7**, o mais artistico estabelecimento de Lisboa, e nas farmacias, drogarias e melhores casas da especialidade em todo o paiz, ilhas e Africa.

Os pedidos para revenda devem ser dirigidos a **AYRES DE CARVALHO, Rua Ivens, 31, Lisboa, sede dos escriptorios** e fabrica

Pilulas laxativas Boissy

(SAPONACEAS)

O PURGANTE IDEAL

As unicas que purgam
sem irritar

São um verdadeiro purificador do sangue,
anti-biliosas e refrigerantes.

A' venda em todas as farmacias e drogarias
DEPOSITO GERAL PARA REVENDA

Vicente Ribeiro & Carvalho da Fonseca
Rua da Prata, 237, 1.º



Ver na proxima quarta-feira o
Suplemento de Modas & Boriados (DO SECULO)
Preço 3 centavos



Corôas

Onde ha o mais chic
sortido e que mais ba-
rato vende, por ter
fabrica propria, e na

Camelia Branca

L.º D'ABEGOARIA, 50
(ao Chiado) - Tel. 3270

M.ª VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENI



Tudo esclare-
ce no passado
presente, e pre-
diz o futuro.

Garantia a to-
dos os meu-
clientes: com-
pleta veracidade
na consulta ou
reembolso do di-
nheiro.

Consultas to-
dos os dias uti-
das 12 ás 22 ho-
ras e por corre-
pondencia. En-
viar 15 centavos
para resposta.

Caçoes da Patriarca, n.º 2, 1.º, Esq.
(Cimo da rua d'Alegria, predio esquina)

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

N.º 710—Lisboa 29 de Setembro 1919

Edição semanal de O SECULO

CRONICA

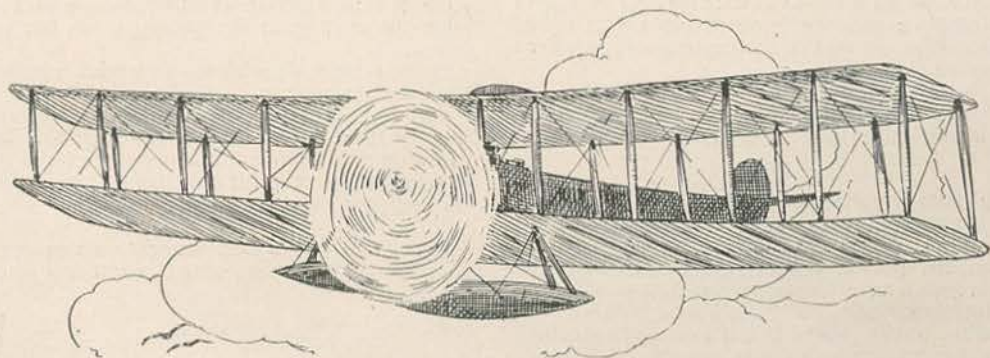
É a aviação sem duvida o assunto que atualmente mais prende a atenção das gentes, como se andassem todos já por ares e ventos. E são *raids* sem conto. Elle é o Londres-Lisboa, o Paris-Lisboa, o Lisboa-Açores, o Lisboa-Dakar, o Lisboa-Rio de Janeiro. Tem o nosso paiz um dos mais antigos logares na historia da aviação e é justo que a tradição se conserve e afirme, mas como o portuguez é em tudo impressistente, o que desejamos é que ele venha hoje a fazer tudo isso dominando os ares exatamente como em tempo de avós ia nas caravelas, dominando as ondas, ás descobertas.

Depois da aviação Gabriel d'Annunzio. O autor da *Nave*, da *Filha de Jorio*, do *Episcopo & C.ª*, do *Fogo* e de tanta outra literatura, reuniu um milhar de soldados e foi conquistar Fiume aos infieis. Os quaes infieis vinham a ser os contingentes francez, inglez e americano, que em nome dos aliados occupavam a cidade. Mas Gabriel d'Annunzio, italiano, quer que Fiume seja italiana. Os aliados abandonaram a cidade que hoje é só e toda mais de d'Annunzio do que da Italia. Dizem uns que d'Annunzio é um patriota. Dizem outros que é um cabotino. Quanto a nós, in-

dividualmente parece-nos que d'Annunzio é um patriota e um cabotino. Como patriota, se o caso tiver más consequencias para a Italia, ele foi um mau patriota. Como amigo da exhibição parece-nos que á tomada de Fiume é preferivel o *Episcopo & C.ª*. Farto de ser d'Annunzio, o «escritor genial» quiz ser d'Annunzio o conquistador. Vamos. Podia muito bem ter sido muito peor.

Parece que vamos ter uma aldeia portugueza no *front* para comemorar o esforço portuguez em França. A ideia foi de Leal da Camara e conta hoje muitos adeptos. Será ao mesmo tempo exposição permanente do nosso comercio e industria e museu regional da nossa esquecida terra. Terá o seu chafariz, o seu coreto, a sua igreja e o seu cemiterio. Se por A mais B isto não ficar no papel apenas, fumo de cigarrilha breve, nuvem sonhadora que o tempo dispersa e desfaz, alguma cousa se fez de util no nosso tempo. É que é tão tristeseer filho de um paiz pequeno, sistematicamente desconhecido na vastidão dos paizes do vasto mundo...

(Ilustração de Rocha Vieira).



Os Grandes Poetas

João Penha

Damos hoje um inédito do grande poeta João Penha, escrito em 1909, em resposta a um inquerito que nunca se publicou. É um curioso e interessante trecho para o estudo da individualidade do poeta, figura original das nossas letras, que durante o período couceirista morreu em Braga, velho e pobre.



João Penha

RESPONDEREI, pela sua ordem numerica, ás perguntas que se me fazem.

1.º — Não me parece que o meu «espirito de escriptor» se formasse pela leitura de certos e determinados livros, ou pelo estudo de escolas litterarias. Como devemos comer de tudo, pois que o estomago, d'isso que com mais ou menos gôsto n'elle introduzimos, assimilará apenas o que lhe convém, e repellerá o resto; da mesma maneira, devemos dar ao nosso espirito toda a especie de alimentos litterarios e artisticos, sem methodo ou ordem, que elle, mysteriosamente como aquella viscera, ficará em si com o bom, e expellerá o mau, segundo a sua natureza e assim se formará.

Foi d'esse modo, que o meu espirito litterario se foi desenvolvendo, como muito bem quiz, sem preoccupações exteriores de qualquer especie, e é d'ahi

que provém, a meu ver, uma tal ou qual originalidade que alguns encontram nas minhas produções.

Virgilio, Dante, Shakespeare, Henri Heine e Edgar Pöe, foram os escriptores que maior impressão me causaram. Mas, que ha d'elles nos meus escriptos? Nada.

Quanto ao elemento formal — sem pôr de parte certas regras geraes, antigas, que todos devem seguir, eu mesmo engendrei algumas novas, para meu uso proprio, e com ellas me tenho dado excellentemente. Quem tiver a original curiosidade de saber quaes ellas sejam, pôde encontral-as em alguns dos capitulos do meu livro «Por Montes e Valles».

2.º — Qual a minha obra que mais me satisfaz? «As Novas Rimas», talvez por ser o meu filho varão mais novo.

3.º — Existem actualmente duas grandes correntes litterarias: a romantica, antiga, e a chamada naturalista ou documental. Esta, muito mais nova, não destruiu aquella; ambas, porém, têm de acabar não absolutamente, pois que o aniquillamento não existe na natureza, mas transformando-se. Como? Em que sentido?

Quem sabe o que será a Arte d'aqui a dez seculos? Tudo quanto possa dizer-se a esse respeito não passará de phantasia; e essa — deixo-a para o verso.

- 1.º — Quaes os livros e escolas litterarias, estéticas ou sociológicas que basearam a formação do seu espirito de escriptor?
- 2.º — Qual a sua obra (romance, novela, monografia, critica, peça de teatro) que mais lhe satisfaz?
- 3.º — Quaes as escolas estrangeiras, ou escriptores, em que confia, como directamente influentes de futuras e intensas correntes litterarias, estéticas ou sociológicas?
- 4.º — Como julga a moderna mentalidade do Brazil?
- 5.º — Quaes as vantagens emergentes de uma forte confraternisação e intercambio intellectual entre os homens de letras e scientistas d'aquelle paiz e do nosso?
- 6.º — Qual o papel que distribue á imprensa, quer como eventual documento litterario, quer como factor propulsivo do livro e da cultura estética ou sociológica?

4.º — A «mentalidade do Brazil» em cousa alguma cede á do nosso paiz. Ha lá magnificos poetas, se não superiores, pelo menos eguaes aos nossos melhores, e, mais do que estes, cuidadosos na «exterioração», como agora se diz, das suas concepções poeticas. Na sua quasi totalidade são romanticos: andam pouco na terra, e muito pelas estrellas. Adoram o seu paiz, mas em prosa, em verso raras vezes, que são um pouco afrancezados á maneira de François Coppée e de Sully-Prudhomme. Encantam-nos.

5.º — São obvias as vantagens d'um «intercambio intellectual» entre os homens de letras dos dous paizes, para nós sobretudo. O nosso velho e derrancado sangue romano, alentar-se-hia em contacto com o sangue d'uma nação nova, cheia de vida, de entusiasmo, e de fé na obra da regeneração da especie humana. Esse intercambio já realmente existe, mas indirecto, por intermedio da França, o mais intellectual de todos os paizes. E', porém, necessario mais: é necessario um intimo connubio entre a moça e o velho. Ella perderá talvez um pouco da sua exuberancia vital, mas ele rejuvenescido pela transusão do sangue renascerá para as bellas cousas da Arte. Será outro, será como ella.

6.º — Qual o papel que attribue á imprensa? A resposta por complexa não é facil. Em geral a missão da imprensa é: desbravar mato, educar adultos, guiar os povos pelos caminhos assás escabrosos da perfectibilidade moral humana. Mas essa perfectibilidade (diz-se agora assim, e não perfeição) cada qual a entende a seu modo, e d'ahi vem que, não havendo a esse respeito unidade de fins, a missão da imprensa é, e será indefinidamente incerta, quasi improficua, e até, por vezes retrograda.

Sob o aspecto de vehiculo litterario, a imprensa substitue vantajosamente a antiga e symbolica Trombeta da Fama. Fará ler por vinte mil pessoas uma composição que, em livro, não seria lida por mil; chamará a attenção do publico sobre o compositor, e assim collaborará efficazmente para a diffusão das letras, e para a gloria do escriptor e do seu paiz.

E' isto o que n'este momento me parece, não só a respeito d'este quesito, mas tambem dos anteriores.

Come

Um parente fidal,
Vinte, de vossos cores,
Me vivale em seus honras,
Me fidei como um fidel!

Oh! per historei mortu!
Vô prout agor, só dom!
Tui jô leus outos amorem
Ei-m fidei, ei leleal!

Veji a amadon o meu eil!
S'am vout b. tos
Vae culis fidei no tel!

Por fact amex a traies!
Tens vout b o vout b!
Treme d'ouvi o leal!

tos Pello

Ciumes

*Um pensamento fatal,
Sinistro, de negras cores,
Me invade com seus horrores,
Me fêre como um punhal!*

*Oh! que tristeza mortal!
Só pranto agora, só dores!
Tu já tens outros amores...
E's-me falsa, és desleal!*

*Vejo a esconder-se o meu sol!
D'um corrupto D. João
Vaes cahir talvez no rol!*

*Por tanto amor, a traição!
Tens ouvido o rouxinol:
Treme d'ouvir o leão!*

João Penha.

Este soneto inédito que damos em fac-simile na pagina anterior faz parte do livro «O Canto do Cisne», livro que as livrarias Aillaud, Alves & C.^ª devem publicar dentro em breve.

Exercícios da guarda republicana



A bateria formada



1. Grupo de officiaes.—2. Exercício de metralhadoras
3. Grupo de sargentos
(«Clichés» Serra Ribeiro).

O Bolchevismo

Como em 1885 já se pintava o bolchevismo. Um quadro que é uma profecia. Bolchevismo e bolchevistas. O bolchevismo inimigo das artes, travão de todo o progresso.

No Salon de 1885 um pintor joven, de muito talento, expoz uma tela que pelo escandalo que provoçou apenas se demorou algumas horas em exposição. Esse quadro chama-se *Apotheose* e é, como o leitor vê, a sagração de um maltrapilho que de panhal n'uma das mãos e garrafa na outra a si proprio se aclamou rei.

O seu pé enorme e gretado poisa sobre o corpo branco, aristocratico, do até ali senhor. E ebrio, barbaçudo, facinoroso senta-se na cadeira de um trono, tendo na cabeça a corôa de um rei. Em volta a multidão ulula, uiva, a sanguinaria, «a doida multidão».

A critica foi violenta para com o quadro e o autor, acusando-o de ser e de ter feito um panfleto a oleo.

O Tempo, que a todos faz justiça, mostra-nos como essa tela era uma profecia que ele fez cumprir em 1917, trinta e dois anos depois. Porque é bem a representação pictorica do bolchevismo aquele grande quadro a oleo que Boutet de Monvel levou ao Salon e que o prurido das conveniencias retirou de lá horas depois de ter sido exposto.

O bolchevismo é mais um dos flagelos que a guerra trouxe no seu cortejo. Antigamente a

guerra trazia apenas a fome e a peste. Agora traz o bolchevismo, que é a loucura vermelha, a inversão de valores de toda a sociedade, o crime, um diluvio de atrocidades. Se na pintura ele tem já a sua representação, na literatura pode applicar-se para o interpretar aquele conto celebre e macabro de Edgar Põe em que os loucos de um manicomio subjugarão uma noite o dirétor, os guardas e todo o pessoal hospitalar, pondo-o no lugar que ocupavam e tomando o seu.

Os doidos passaram a carcerrear os que tinham juizo.

Pense-se um pouco n'isto, olhe-se a Russia imensa e digam-nos se ela não é em grande o conto de Põe!

O bolchevismo é o crime. A sua obra nefasta é uma coisa de tal maneira pavorosa que jamais se lhe pode descrever as atrocidades. O relato de todas as suas emanações odientas, a enunciação

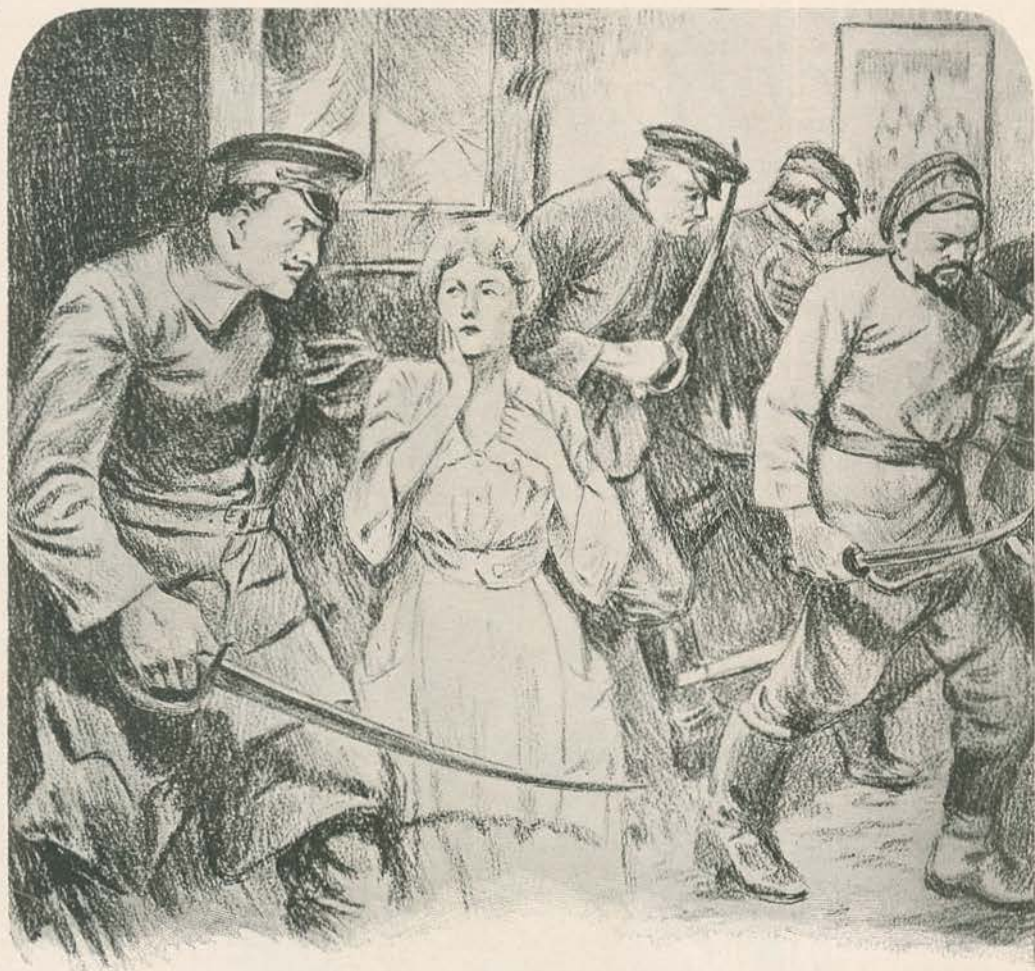
de todo o seu reinado de sangue e de terror, não terá jamais cronista com forças para o escrever.

Depois de ter perseguido, assassinado, estabelecido a fome e a anarquia em todo o imperio o bolchevismo destroi. Assim é que a sua ultima proeza foi a destruição da casa Potoki, on-



M. BOUTET DE MONVEL

Apotheose



Uma cena da Rússia atual.

de havia inestimáveis coleções de quadros, de porcelanas, de cristais, de livros, castelo que era um verdadeiro museu, museu que era o orgulho da região.

Lenine declarou que «quem fala em liberdade de Imprensa volta para trás e tenta deter o comboio que marcha, a todo o vapor para o socialismo.» É assim, o bolchevismo. Que argumentos terão os bolchevistas



O perigo bolchevista
(«Manifesto austriaco»)

não sabemos. Mas cremos ainda um pouco em que contra factos todos os argumentos que apareçam, cousas são que nada valem.

E não se sabe até quando sob a garra do terror feito habito e do Crime feito governo, a Rússia estará sequestrada do convívio da Europa e quando chegará de novo o dia em que ela tomará o seu lugar no caminho da civilização e do progresso.

ATUALIDADES

- O novo reitor do Liceu Pedro Nunes.
- A mãe dos soldados portugueses visita Portugal.
- A exposição de frutas Moreira da Silva & F.^{os} na nossa sucursal do Rocio.



O tenente-coronel medico e escritor, sr. dr. Eduardo Pimenta, novo reitor do liceu Pedro Nunes.

- O monumento á memoria dos soldados portugueses em Ambleteuse (França).
- O novo bispo do Porto, D. Antonio Barbosa Leão, toma posse.



MADAME Helles, a hospedeira que em Brest tão bem recebeu e tantos carinhos dispensou aos nossos soldados, veio agora de visita ao nosso Portugal. Esteve em Lisboa, onde foi recebida com entusiasmo e decidiu-se a visitar o Porto, onde teve o mesmo acolhimento. Madame Helles, é popular entre os nossos «seranos» e deve levar na hora da partida com uma profunda saudade do nosso sol e do nosso ceu, um pouco de amor pela nossa terra e pela nossa gente.

EM Ambleteuse inaugurou-se um monumento á memoria dos portugueses, que em defeza do Direito e da Justiça



O sr. ministro da agricultura visita a exposição de frutos. Da esq. para a dir.: o sr. ministro, o sr. Moreira da Silva, o sr. Frederico Pavão e o sr. José Graça.



tombaram no solo sagrado da França. Dormem agora o seu ultimo sono á sombra piedosa do monumento de que damos hoje a inauguração. Discursou o coronel Girão, a quem o «maire» respondeu. Ao ato assistiram officiaes portugueses, francezes, damas da Cruz Vermelha e foi uma cerimonia comventissima.

NA nossa sucursal do Rocio inauguraram a sua exposição de frutos os conhecidos floricultores e horticultores do Porto sr.^s Moreira da Silva & F.^{os}. Assistiu o sr. ministro da Agricultura, que assim prestou homenagem a quem trabalha pela pomicultura em Portugal.



A inauguração do monumento aos soldados portugueses em Ambleteuse



A posse do novo bispo do Porto, D. Antonio Barbosa Leão.

LI BOA PANORAMICA



Fotografia tirada em hidro-avião pelo nosso colaborador sr. Serra Ribeiro. Vêm-se as docas, a linha ferrea, a mole imensa da casaria, ao longe, e no primeiro plano, a Torre de Belem que se destaca magestosa e branca, enquanto á direita o rio ondula e corre...

Uma visita á Escola d'Aviação Marítima



Removendo o hidro-avião «D. D. 3» para dentro do «hangar»

Pelas 8 horas d'uma manhã formosíssima, como se não vê em parte alguma, iluminado pela luz magnífica do sol, chegámos ao Centro d'Aviação Marítima, no Bom Sucesso.

Recebeu-nos o seu ilustre comandante, sr. Afonso Cerqueira, com uma requintada amabilidade, de que estamos sumamente gratos; levou-nos á presença do comandante da Escola, o primeiro-tenente sr. Santos Moreira, que foi também para conosco de uma extrema gentileza, prestando-se a servir-nos de *cicerone*, durante toda a nossa visita e dando-nos to-

das as explicações, que julgámos conveniente fazer. Visitamos o *hangar* onde os aparelhos se viam alinhados, dando-nos a impressão de enormes aves descansando em terra dos seus prolongados vôos. Depois, as oficinas metalúrgicas de fabricação e beneficiação de motores onde, entre outros, se encontram dois de 300 cavalos, marca *Renaud*.

Em seguida ás oficinas de carpintaria, onde estão sendo construídas duas *côques*, para serem aplicadas aos motores *Renaud*, de 300 cavalos, a que atrás falamos; as de construção d'azas, lemes, volantes, etc., e o pombal, onde se en-

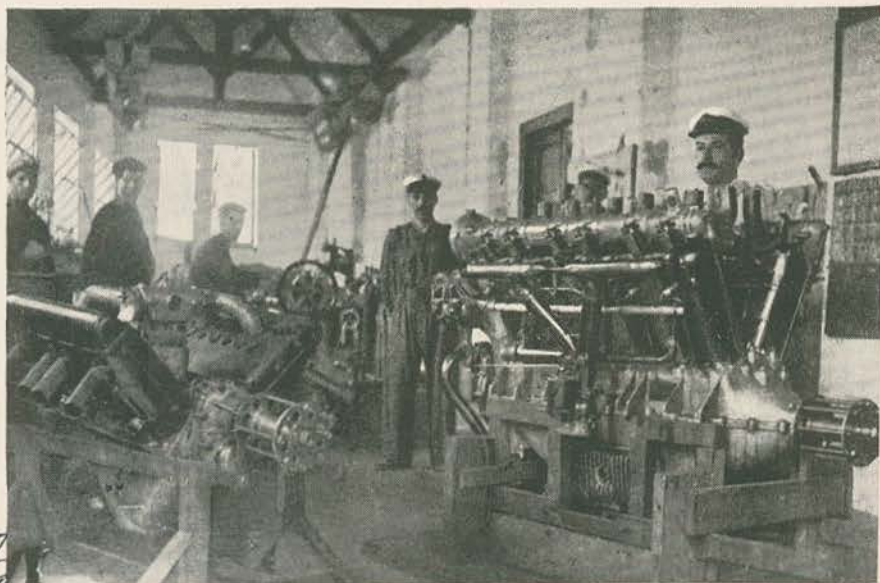


Aspêto da oficina de construção, vendo-se á esquerda o esqueleto de um aparelho.

contra uma enorme coleção de pom-bos correios, habilmente ensinados, que facilitam as comunicações entre a escola e os hidro-aviões em viagem; o posto de telegrafia sem fios que está em constante comunicação com todos os outros postos nacionaes

E assim, ao vermos os nossos bravos marinheiros empenhados com afan n'aquelles estaleiros, a que falta tanta coisa por incuria dos politicos, n'uma tão grande obra, recordamo-nos com orgulho do tempo, já tão distante, em que em Portugal se faziam

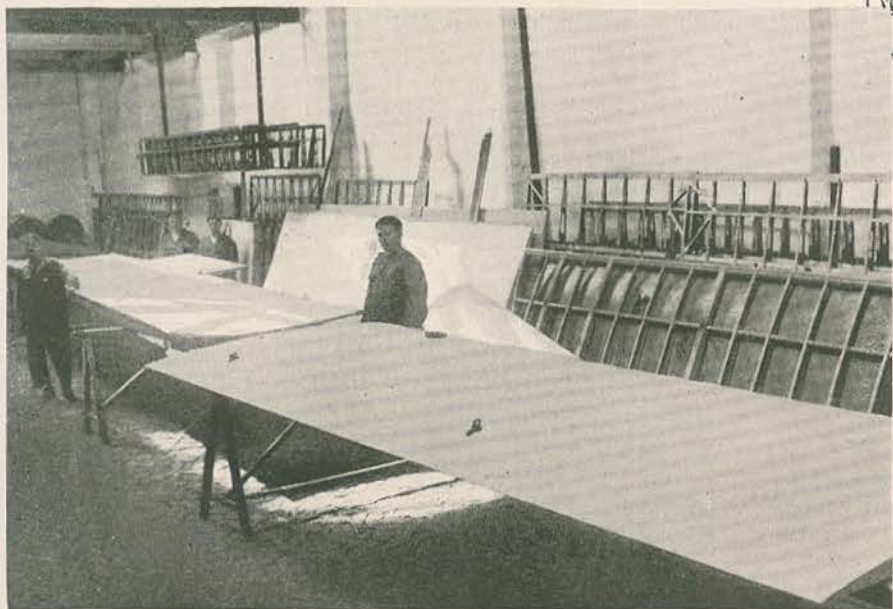
as maiores embarcações de toda a orbe, que depois partiam á busca de novos mundos por mares nunca d'antes navegados. Bom seria, pois, que o governo dispensasse um pouco mais de atenção ao Centro de Aviação, onde com oficinas tão reduzidas, só a extrema boa vontade e o elevado pa-



Officina de fabricação e reparação de motores. No primeiro plano, á direita, um motor «Renaud» de 300 H. P.

e estrangeiros.

Ficámos deveras maravilhados ao verificarmos que d'umas oficinas, tão recentemente estabelecidas no nosso paiz, saíam trabalhos tão excellentemente executados, que visitantes illustres e entendidos no *métier* teem assegurado não ser inferior ao que lá fóra se faz e com melhores condições, pelo que honra sobremaneira o trabalho nacional.



Officina de construção de azas. Um operario occupa-se em cozer uma d'elas. (Clichés» Serra Ribeiro).

triotismo do seu comandante e dos seus auxiliares alguma coisa teem produzido para alevantar o prestigio do nosso paiz e a dignidade da nossa engenharia.

AFRICA PORTUGUEZA

NAS SELVAS DE ANGOLA

São as margens do rio Cuanza, designadamente entre Cunga e a barra, povoadas de variadíssima fauna. A extensa região da Quissama, ainda mal definida e mal conhecida, onde, apenas de longe em longe, existem algumas *libatas* rebeldes, rivalisa, na opulencia da sua fauna, com o Ouganda e a Zambézia, encontrando-se ali toda a variedade de caça, desde o leão até á mais tímida gazela.

Foi n'aquella selva virgem que Carlos Larsen, o malgrado caçador profissional, fez as mais arro-

jadas e temerarias batidas ao leão e ao elefante, e é ali, no morro dos Pilotos, onde o profissional, Bernardo Lourenço Pinho, assentou o seu acampamento para secundar o intrepido caçador dinamarquez.

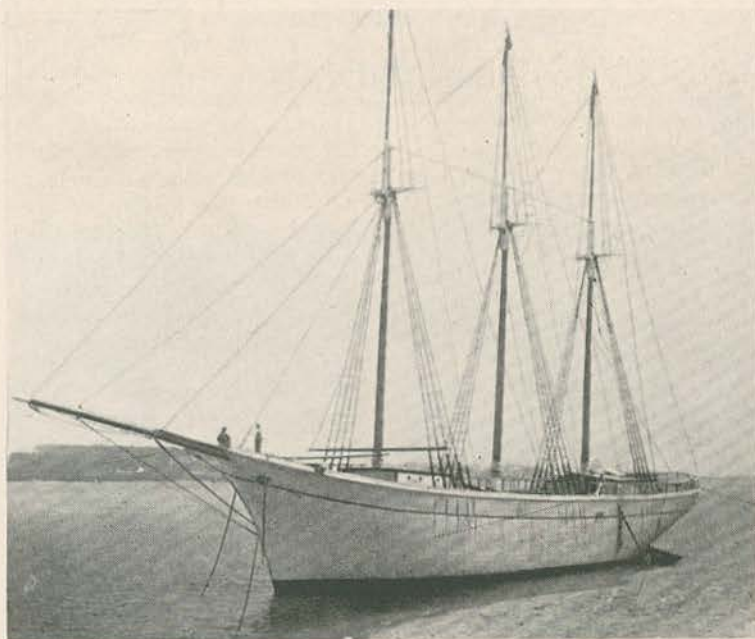
Os srs. Anselmo Baía Coelho e Jorge Marques percorreram recentemente em digressão cinegetica de amadores uma faixa da Quissama onde abateram grande numero de peças de caça, apresentando nos *clichés* juntos os exemplares que poderam ser fotografados.



O sr. Baía Coelho nas margens do rio Quanza

Um boi bravo (pacaça) morto pelo sr. Baía Coelho. Da esquerda para a direita: B. Lourenço Pinho, A. B. Coelho, Manuel Pinheiro e Jorge Marques

Os srs Anselmo Baía Coelho e Jorge Marques a caminho dos «morros» da Quissama



O sr. José dos Santos Lucas, pae do sr. Santos Lucas, que ultimamente se suicidou em Lisboa. Retrato tirado em 1905 aos 65 anos.

Industria portugueza

CONSTRUÇÃO NAVAL

E' esta, a das construções navais, uma industria que renasce e foi a guerra que a fez renascer.

Ela é uma das grandes industrias portuguezas, ou não fossemos nós o povo que se engolou no rolão dos desconhecidos mares.

Costeamos a Africa, descobrimos o Brazil, dobramos o Cabo das Tormentas caminho da India e embora sob a bandeira da Espanha fomos nós ainda quem circumnavegou a Terra.

e mestres construidas. Hoje, já lá vai longe o tempo de taes africanas, a gente serra, corta, prega e calafeta com muito menos gloria mas ainda com alguma utilidade. Em Aveiro, no Porto, na Figueira, os nossos estaleiros trabalham sem descanço. Já é alguma coisa. Damos hoje o *S. Paio*, construido nos estaleiros dos srs. Santos & Linhares, de Fão, barco elegantissimo, honra da construção naval portugueza, prestes a sair a barra de Espozende.

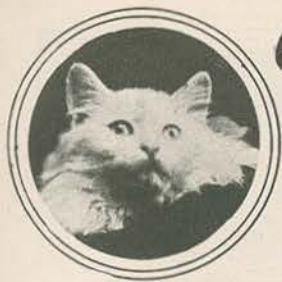


O agente da policia Manuel Antunes Baeta Dias, falecido em Lisboa.



1. Sr. Dr. José Henriques Martins, falecido em Pecgueiro do Vouga, 2. Sr. Jorge Henrique de Souza Pereira, falecido em Vila do Conde. 3. Sr.ª D. Luiza da Conceição Moutinho Mendes, falecida no Sabugo. 4. Sr. Marcos Gonçalves d'Azevedo Cainço, falecido em Setubal. 5. Sr. Eduardo Coelho, falecido no Lavradio. 6. Sr. Raul Cezar Augusto de Carvalho, socio da firma Carvalho & Conceição, Lim.ª, proprietaria da Nutricia de Lisboa, falecido n'esta cidade.

O Exterminio dos Gatos



CAÇADA AOS GATOS E CÃES VADIOS

Recolhem à Abegoaria 82 felinos e rafeiros

A policia voltou hontem á noite, auxilliada pelo pessoal da Abegoaria Municipal, a dar caça aos gatos e cães vadios que infestam a cidade.

Duas carroças da Camara percorreram, respeltoamente, o Bairro Alto, Campo Grande, Malpique e Rego. No Bairro Alto foram apanhados 32 gatos e no trajeto do Campo Grande ao Rego 50 cães. Foi tudo removido para a Abegoaria.

(Do Seculo).



POLICIA
começou

agora a fazer rugas aos gatos, tendo n'uma dos ultimas caçado inumeros d'esses bichanos. Isto

prova o numero quasi invercsimil que por essa cidade se acoitava len-dariamente já, pois que alguns viajantes do seculo XVIII nos dão nos seus relatos a noticia, estarrecendo-se de admiração perante a grande quantidade de gatos e de mendigos que crusavam as praças e vielas. Como os pombos de São Marcos em Veneza, e os cães de Constantinopla, Lisboa possuia o gato, seu animal favorito, dividido em castas e raças, mudando de aspecto segundo o bairro, animado e recolhido o que por felicidade nascera em boa hora, desprezível e lazarento aquele que, creado na rua se sustentava das imundices que os moradores lhe atiravam para sustento seu e desleixo proprio.

Era de ver o gato de Alfama, listado de amarelo, com laivos de fa-



dista refilão, briguento e sujo, recolhendo-se pelos portaes, perseguido á pedrada pelos garotos, procurando nos montes de lixo a espinha mitigadora da fome constante e renitente!

Era o do bairro da Madragôa, notivago e janeirento nos seus *miaús* prolongados e funebres, escorraçado das portas onde o cheiro a peixe o atraia, com os ossos a estalar a pele, namoradeiro e saltador, fugindo lés-to quando altas horas a patrulha se aproximava quebrando o silencio da rua.

Era esse outro do bairro alto, bemquisto das tabernas onde o faziam internar umas vezes por outras para caçar os ratos, reunido em comicio em volta da cabeça de pescada, ladrão esperto e fino, aguardando a distração do môço, para levar na ponta dos dentes agudos, o peixe já frito, exposto no taboleiro da entrada.

Que revolta intima quando os pobres gatos vadios, viam assomar á janela, limpo e to-



O abrigo



O «almoco dos gatos». Quadra de Mademoiselle J. d'Hazon
O HOSPITAL DE GATOS EM LONDRES



A saída

feirão, de fita de côr ao pescoço, o gato dos bairros ricos, sustentado a leite e a carícias, lambareiro e dorminhoco, especie de *gata borralheira* da lenda, esses privilegiados da sina, que ouvem do regaço a conchegado da dona aquela celebre historia — d'uma velha que tinha um gato — ou — ... era uma vez um gato maltez!...

Mas tambem que ufanía quando uma vez, Fialho d'Almeida o viu, o pobre *caroxo* da rua, e fez d'ele tema e égide da sua melhor obra!

O exterminio dos gatos!

Mas é toda uma historia que termina!

Desde o kabalismo do gato preto de que fala Põe, do artistico dos gatos de Steinl até a esse outro, companheiro do grande, do incomparavel artista que foi Rafael Bor-



O cão e o gato



dalo Pinheiro, que de vasta serie de vidas, de cenas, de acontecimentos, onde o gato representa um papel notavel, quer n'aquela chamada — velha dos gatos — que vivia em alegre e pertinaz convívio com dezoito exemplares diversos, quer n'aquela aforismo tão avizador e oportuno: gato escaldado...

Dos gatos se contam lendas, coisas espantosas. Diz-se que Latino Coelho os temia e que Schopenhauer os odiava. Que artistas celebres houve que não podiam escrever sem o seu maltez sobre os

joelhos. Ha de tudo na historia dos gatos. Pois se ele até serviu de ornamento ao tumulo de Fialho e de figura capital no monumento a Perrault. Pobre bichano!

Está a acabar o seu reinado. Principia o do rato. Quem de ve estar contente é o cão.

Henrique Roldão





Srs. 1. Dr. Antonio José d'Almeida. -- 2. Antonio A. Carvalho Mourão. -- 3. Dr. Armindo de Faria. -- 4. Dr. Dias Pereira. -- 5. Dr. José Rodrigues Braga. -- 6. Simões d'Almeida. -- 7. Manuel Ferreira Capa. -- 8. João Pinheiro. -- 9. Avelino Pinto Braga. -- 10. Dr. José Leão da Silva. -- 11. Dr. Fonseca Lima. -- 12. Pedro Veiga. -- 13. José J. R. Peixoto. -- 14. Dr. Carlos Bacelar. -- 15. A. Araujo Costa. -- 16. Julio d'Araujo. -- 17. Albino Marques. -- 18. Alfredo Costa. -- 19. Miguel Paxinta. -- 20. Antonio Mantas. -- 21. Bento d'Oliveira. -- 22. F. da Costa Soares. -- 23. Dr. José Lopes. -- 24. Dr. Eduardo Brochado. -- 25. José d'Abreu. -- 26. Amadeu Pereira. -- 27. José Fortunato. -- 28. Dr. Antonio Portas. -- 29. Manuel da Silva. -- 30. Dr. Pinto Bastos. -- 31. Dr. Adriano Martins. -- 32. Dr. Delfim de Carvalho. -- 33. Horacio Azevedo. -- 34. Gaspar Ribeiro. -- 35. Dr. Duarte Carrilho. -- 36. Gaspar de Carvalho. -- 37. R. C. Rocha. -- 38. Miranda. -- 39. Antonio Chaves. -- 40. Armindo de Faria, filho. -- 41. Julio Santos. -- 42. Tomaz Andreia. -- 43. Manuel da Silva. -- 44. Manuel Paiva. -- 45. Dr. João T. da Silva. -- 46. Manuel R. Barbosa. -- 47. Manuel Martins. -- 48. Manuel Maria. -- 49. Almêno Brito. -- 50. Bernardino José da Silva. -- 51. Adelino Dias. -- 52. José A. Borges d'Azevedo. -- 53. Eleuterio Campos. -- 54. Antonio Maria Rodrigues. -- 55. Antonio dos Santos Queiroga. -- 56. A. J. de Carvalho Silva. -- 57. José Francisco Vendinha. -- 58. Dr. Adriano Simões. -- «Cliché» da Fotografia Marques, Gerez

Os Ex-libris

O que é o Ex-libris. Artísticas e Curiosas Etiquetas de Posse



Os *ex-libris* são etiquetas que se costumam colar na parte interior das encadernações e que querem significar que o livro pertence á pessoa que n'elas tem o nome. Inventou-se para substituir a assinatura ou o carimbo, que sempre danificava e desvalorizava o volume, e é hoje um sinal de bom gosto e de arte. A quantos seculos remonta a sua invenção? Não se sabe. O que porém todos

conhecem é que os antigos costumavam imprimir o seu nome, braço, monograma ou qualquer distintivo particular, a oiro ou a fogo, no rosto das encadernações. Essas marcas eram os *Super-libris* que motivaram ao Sr. Conde de Castro e Sola uma curiosa monografia. Era porém um luxo dispendioso e da mesma maneira tornava o volume inibido de passar de possuidor.

O *ex-libris* veio substituí-lo e tornou-se dentro em pouco uma linda e artistica cousa. Ha o *ex-libris* com braço, o *ex-libris* eclesiastico, o *ex-libris* alegorico, o *ex-libris* com divisa, o *ex-libris* ornamental, de belos motivos, quasi sempre obra de um desenhador paciente ou de um artista consumado. Na Alemanha parece que já no seculo XV se usava. Entre nós encontramos já desenvolvido o gosto no seculo XVIII. Sequeira desenhou um dos mais belos que o grande Bartolozzi gravou. Hoje essa pequenina obra prima é disputada a peso de oiro e ainda não ha muitos anos no estrangeiro se vendeu a coleção do general Adolfo Loureiro, o nosso autor de *Os Portos Maritimos*, que alcançou uma soma importante.

Todas as bibliotecas de amadores possuem o seu *ex-libris* e hoje as senhoras são quem mais relevo dá ás coleções com os seus, quasi sempre leves, artisticos,



Do Conde de Povolide. De Venancio Deslandes. De Luiz Keil. De Jeanne d'Almeida Nogueira. De Diogo de Melo.

O Ex-libris em Portugal e no Estrangeiro. Ex-libris raros e Preciosos. A profissão e o Ex-libris. Os Ex-libris do aguafortista Bavaro Willi Geiger.

Exlibris Hugo Bruck-haus



encantadores. E é que os ha lindos, simbolicos, perfumados, preciosos, *ex-libris* que apenas olhados nos deixam margem a devaneios e sonhos sem fim. Quantas vezes o colecionador curioso contemplando um *ex-libris* que traz um nome feminino, a si proprio faz a inevitavel pergunta do celebre soneto de Arveres: Quem seria esta mulher?

Entre nós ha *ex-libris* raros e bonitos *ex-libris*. Teve-o Almeida Garrett, teve-o, era inevitavel, o erudito Barbosa Machado, teve-o o dr. Manuel do Cenaculo, tiveram-no todas as grandes figuras das nossas letras. Hoje muita gente o tem e não é dos paizes que se ufana de ter menos e inferiores Portugal.

No estrangeiro ha jornaes que só se consagram ao *ex-libris* e sociedades que não fazem mais do que

discutir-o, colecionar-o, propagandear o seu uso. E até um aguafortista bavaro Willi Geiger inventou o *ex-libris* tendo por motivo a profissão. Assim o *ex-libris* que convinha a um egyptologo seria uma porção de mumias e inscrições e n'um banco sentado o possuidor atrapalhado para as decifrar; para um arquiteto o conveniente seria muitas plantas e ele com um compasso do seu tamanho abarbadado em medições. Havia, n'uma pequena exposiçõ que ele realisou em Hespanha *ex-libris* para todas os gostos e para todas as profissões.

Damos hoje a reproduçõ de alguns *ex-libris* francezes, holandezes, hespanho es, italianos e alemães, que são lindissimos, pequenas, maravilhosas e delicadissimas obras primas.



••• Ex-libris •••



• Cardofo Martha •



De D. José Pessanha. De Eugenio de Castro. De José Queiroz. De Teofilo Braga. De Cardoso Marta e de Tomaz de Melo Breyner.



LIBRI ET LIBERI
SUB OCULIS
SEMPER.

Eug. de Castro



PELO ESTRANGEIRO



O general Botha figura principal da guerra anglo-boer e ha pouco falecido em Pretoria, victimado pela «grippe.»



Richard Strauss, o musico que dizem ter falecido em Berlim. D. Antonio de Orleans y Bourbon, o principe hespanhol, que se eva-



diu do reino visinho, por ter sido dado por interdito, seguindo de Lisboa, onde esteve algumas horas, para o estrangeiro. Gomez Carrilho, o scintilante escritor que acaba de se consorciar. Sua noiva é a cançon-



etista Raquel Meller. Gabriel d'Annunzio, o autor da occupação de Fiume pelas tropas do seu comando e a ultima pagina da sua mensagem ao *Lloyd Triestino*...

O CONGRESSO DE BILBAU



O ministro da Instrução despedindo-se do dr. Gomes Teixeira



O dr. Gomes Teixeira



A entrada do Congresso

(Fot. Espiga).

A CARICATURA NO ESTRANGEIRO



Como os ingleses viram a guerra



Como os alemães



vêm a paz

Algumas palavras

sobre o CRÉDITO

CREDITO. — Do latim “creditum”, é em linguagem corrente sinónimo de **CONFIANÇA**.

ABRIR UM CREDITO. — É autorisar um cliente a constituir-se devedor por uma quantia em certas condições.

PRESTAR UM CREDITO. — E dar a sua garantia.

OUTORGAR UM CREDITO. — É conceder um prazo para o pagamento do fornecimento.

TER CREDITO. — E gosar de boa reputação, inspirar confiança para obter aquelle prazo ou outras condições favoraveis.

R. G. DUN & Co.

Agencia Internacional de Informes para o fomento e protecção do commercio

*foi fundada em New-York em 1841 para o **DESENVOLVIMENTO DO CREDITO INTERNACIONAL** com o auxilio dos Informes Comerciaes. Possui actualmente 245 Sucursaes nas principaes cidades da Europa e do Ultramar, sendo a unica que conta dea sucursaes proprias na Peninsula :*

BARCELONA :— Calle de Bilbao, 189

BILBAO :— Calle de la Estacion, 5

LISBOA :— Rua do Comercio, 103

MADRID :— Calle Nicolás M.^a Rivero, 8/10

MALAGA :— Alameda de Wilson, 19

MURCIA :— Plaza de Cetina, 2

PORTO :— Rua do Almada, 10

SEVILLA :— Calle de Cánovas del Castillo, 14

VALENCIA :— Calle de Sorni, 2

VALLADOLID :— Calle de la Constitucion, 7

CENTRAL PARA PORTUGAL: 103, Rua do Comercio—LISBOA
SUCURSAL: 10, Rua do Almada—PORTO

M. FONT

Director para a Europa Occidental

A. MASCARIÓ

Director para Portugal e: Co:ónias



DOENÇAS DE PEITO

TOSSÉ, GRIPPES, LARYNGITE, BRONCHITE,
RESULTAS DE COQUELUCHE E DE SARAMPO

PULMO SERUM BAILLY

Sob a influencia do "PULMO SERUM"

A tosse socega-se immediatamente.

A febre desaparece.

A oppressão e as picadas na illarga socegam-se.

A respiração torna-se mais facil.

O appetite renasce.

A saude reaparece.

As forças e a energia recobram vida.

EMPREGADO NOS HOSPITAES, APRECIADO PELA MAIORIA
DO CORPO MEDICO FRANÇEZ.

EXPERIMENTADO POR MAIS DE 20.000 MEDICOS ESTRANGEIROS.

EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS

MODO DE USAL-O

Uma colher das de chá pela manhã e a noite,

Laboratorios A. BAILLY
15, rue de Rome, PARIS



O passado, o presente e o futuro revelado pela mais celebre e chiromante fisionomista da Europa



M.^{ME} BROUILLARD

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e espanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã às 11 da noite em seu gabinete: 45, RUA DO CARMO, 45 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 1\$000 reis, 2\$500 e 5\$000 réis

giram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e espanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã às 11 da noite em seu gabinete: 45, RUA DO CARMO, 45 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 1\$000 reis, 2\$500 e 5\$000 réis

Trabalhos tipograficos em todos os generos

FAZEM-SE NAS OFICINAS DA

"ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA"

Rua do Seculo, 43 — LISBOA

Companhia do PAPEL DO PRADO

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Ações	360.000\$00
Obrigações	288.630\$00
Fundos de reserva e amortização	360.000\$00
Escudos	1.008.630\$00

SEDE EM LISBOA. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianhia e Sobreirinho (Tomar), Penedo e Casal de Hermio (Lousã) Vale Maior (Abercaria-a-Velha), instaladas para uma produção annual de 6 milhões de quilos de papel e dispondo dos mais modernos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papéis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornais e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionais. — Escritorios e depositos: LISBOA, 270, rua da Princesa, 270. PORTO, 49, rua de Passos Manoel, 51. — Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: Companhia Prado. — N.º telef.: Lisboa, 605. Porto, 117.

CASAMENTOS

DESEJAM casar-se legalmente uma senhora ylvua, brasileira, digna e instruida, de 44 anos, sem filhos, e com fortuna superior a 70 contos, dos quaes a maior parte está em inscrições, e uma menina orfã, de 18 anos de idade actualmente num recolhimento, instruida, elegante, filha de distinta familia, com dote de 38 contos, com homens honestos e que possam provar a sua dignidade, exigindo-se serias informações, embora não possuam grandes melos. Quem se julgue nas condições dirija-se (com selo para resposta) a M.—Club of New-York-Porto. Responde-se a todas as cartas e guarda-se absoluto segredo. Esta casa já tem realizado distintos casamentos em Portugal e outros multos que já estão em relações directas.

Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETOZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

M. Tula

Campo Grande, 264, 2.º — LISBOA



Trabalhos só pelo Bem



Esclarece todos os assumptos, cura obsessões de Espiritos e mal occulto, por espiritismo e magnetismo; realisa casamentos, harmonisa perturbacoes domesticas entre casados ou zangas entre namorados, etc., conduzindo pelo melhor caminho para chegar ao fim desejado e á Felicidade. Consultas a 2\$500, 5\$000 e 10\$000. Enviar 200 para resposta de carta.

Klidina

XAROPE

DE

IODO E GLICEROFOSFATOS
ASSOCIADOS
para tratamento das

CREANÇAS
raquiticas, escrofulosas, linfaticas

Substitue o Oleo de Figados de Bacalhau e o Xarope Iodo Tanico, com a vantagem de ter sabor agradabilissimo.

E a medicação propria dos climas quentes

FORTALECE AS CREANÇAS
ABRE-LHES O APETITE

Todas devem tomar

a

Klidina

PEDIDOS A

DAVITA, L. DA

83. RUA EUGENIO DOS SANTOS
LISBOA



Redação, Administração e Oficinas—Rua do Seculo, 45—Lisboa

O ideal do bolchevista



— Emfim, só!



PALESTRA AMENA

Da ortografia

Uma das coisas em que ainda não estão de acordo todos os portugueses — e bem poucas são aquelas em que estão de acordo — é na ortografia a adoptar, a qual, por muitas causas, que é ocioso enumerar, convinha que fosse uniforme. E' certo que se julgou obter tal uniformidade com o decreto que tornou obrigatoria a ortografia simplificada, sobre principios racionais que respeitaram a indole e as origens da nossa lingua, mas a verdade é que, quando julgamos que acertámos na escrita de determinada palavra, esta aparece-nos, em jornais, de tal modo transformada que a desconhecemos — e o melhor é que, em cada jornal, ela se escreve de diverso modo. Vejam, por exemplo, a palavra *Rossio*, que era *Rocio* ainda ha pouco tempo e que passou a ter a escrita antiga, por motivo de lhe desmancharem o empedramento, ao que supomos...

Ora bem: seja *Rossio* ou *Rocio*, ou *Russio*, ou *Rucio*, ou como melhor lhes parece, o que urge é que os senhores dos jornais se ponham de acordo, pois que só em Portugal tais divergencias se notam na imprensa periodica — se puzermos de parte algumas publicações da especialidade, e não populares. E porque é que lá fóra se procede d'este modo? E' porque lá fóra se tem a consciencia de que é o jornal que orienta e publica em muita coisa e em especial no modo de escrever as palavras, como tambem acontece em Portugal, onde é vulgar dizer-se, a justificar tal ou tal escrita: — «Nos jornais vem assim», afirmativa em extremo lisonjeira para os jornalistas, que o publico (coitado!) imagina que são uma especie de açambarcadores de sabedoria.

Vamos, pois, escrever todos da mesma maneira, valeu? A familia, ao namoro, a particulares, escrevemos como nos der na gana, como a fantasia mandar, seguindo as complicações ortograficas dos nossos pais, as extravagancias de *Garrett*, ou outras que inventemos; mas para o publico, para que tenhamos direito á consideração que nos dá, assentemos n'uma forma unica, na official, já agora, pelas razões de nos evitar locubrações e de ser aquela que se usa nas repartições publicas, isto é, aquella em que escreve pelo menos, a terça parte da população portuguesa.

Assim será bom que se faça, não devendo o leitor reparar em que esta palestra esteja em contradição com os principios que expomos, porque nós temos telha, da qual, porém, prometemos curar-nos dentro em pouco. — «Assim é que se escreve no *Seculo Comico*», dir-se-ha em breve — e creiam que é como se citassem o Evangelho.

J. Neutral.

O transito de Lisboa

Desde que se nos meteu em cabeça que Lisboa é uma grande capital, principiámos a inventar que a aglomeração nas ruas é enorme — e parece até que se vai criar uma policia especial para regular o transito, ou que se vai fazer um regulamento especial para a policia existente. E é que já agora toda a gente está convencida de que Lisboa é, na verdade, uma Babilonia e não tarde que mais uma lei, postura ou coisa parecida venha aí, a empatar quem tem de ir á sua vida.

A estas horas deve estar nomeada a respectiva comissão, á qual pedimos licença para apresentar o seguinte re-



gulamento de transito, afim de evitar aos seus membros alguma meningite.

Artigo 1.º — Os transeuntes nas ruas da capital formarão duas bichas paralelas, com movimento em sentido inverso: uma caminhará pela direita e a outra pela esquerda, o que lhes será indicado pela policia.

Estabelecido isto, não ha a minima duvida de que os que devem tomar a direita, tomarão a esquerda e vice-versa.

Art. 2.º — De minuto a minuto a policia ordenará, gritando, que toda a gente fique parada. Resultado: toda a gente se põe andar apressadamente, seguindo o seu destino.

Art. 3.º — Quando á policia convier que todos parem, gritará: — Corram! O efeito, já se sabe, é ninguem dar mais um passo.

Eis o problema resolvido, sem grande trabalho.

Estranhando...

Os senhores não se importam com coisas que julgam minimas, mas nós temos a obrigação de as registar, porque ás vezes originam perturbações maximas.

Nunca repararam nos mapas que os jornais diarios costumam trazer sobre marés, nascimento e ocaso do sol, etc.? Pois reparamos nós e acabamos de ver em certa folha matutina, tres dias a seguir, que a aurora raiou ás 4,21 horas e o sol nasceu ás 3,43.

Ora quando lá por cima as coisas correm n'esta desafinação, nascendo o sol uma hora aproximadamente antes de romper a aurora, não é de admirar que cá por baixo tudo corra tão desafinadamente!

Enganos

Publicou-se ha pouco uma lei determinando que a todos os professores primários seja concedido aumento de subsidio para residencia — e imagina-se o gaudio que foi por esse paiz fóra. Eis senão quando no *Diario do Governo* aparece uma rectificação: tal aumento é só para os professores das sedes dos concelhos.

Coincidiu o aparecimento da rectificação com o registo d'um extraordinario numero de apoplexias fulminantes na provincia.

Bacalhau pôdre

Ena, o que aí vai lá porque um cavalheiro, ou muitos cavalheiros, faziam empenho em envenenar a população portugueza com bacalhau pôdre! E o que tem mais graça é o ar admirado com que se fala na pouca vergonha, como se constituísse novidade, como se estivessemos habituados a ingerir sómente generos purissimos, postos á venda só depois de convenientemente analisados — como se não tivéssemos de tapar o nariz quando passamos pelas casas de pasto!

Querem os senhores saber (se é que o não sabem perfeitamente) como no mercado do Aterro, em tempos, e provavelmente ainda agora, se procedia ao exame do peixe, para conhecer se era proprio para o consumo? Tal exame,



que devia ser feito por um sub-delegado de saude, estava cometido a um fiscal camarario, cujas funções officiais consistiam em cobrar o imposto denominado de *terrado*. O dito fiscal agarrava n'um peixe, cheirava-o e decretava:

— O rabo está pôdre; o resto está bom. Corte o rabo e pode vender o resto.

Quem diz o rabo diz a cabeça ou outra parte qualquer — e isto foi presenciado, e naturalmente ainda é, por centos de pessoas, todos os dias, sem que até hoje tenha havido a menor queixa. Em resumo: o habito é uma segunda natureza, e o habito é comermos peixe pôdre. Se agora nos dá na veneta não comeremos senão peixe são, o estomago estranha, repona e o organismo é capaz de se desafinar.

Não sejamos exigentes, que diabo!



O «Jerolmo» banhista

Carta do «Jerolmo»

Indultrada esposa

Cigundo te mandei dezer no vilhete postal que hades ter arresebido pur mão du noço cumpadre çancristão purque nus correios nan ce pode uma peçoã fiar i vai da in arresolvi mandarte u vilhete pello purtador, já deves çaber cu ferrador in vista da minha duensa du bofe me mandou pra banhos pur iço iscrevute esta da Figuêra da Fós pra adonde vim pur cer a peraiã de mais fama in trinta legoas ó redol, i olha que nan istou arrependido purque pur dez mel reis pur dia istou num hotle munto von que inté me dão çardinhas ó almoso fanecas ó jintar i á seia fogo vistas linguissa nan fallando nu culxão da cama qui é de çuma á cerradura i du çuárto qui é na cravueira. A peraiã é assiadicema, a carrossa du lixo in cendo uma ora da tarde anda pellas ruas, as çupeiras çacodem us tapetes toudo u dia das jinelas i nan á cá a pouca bergonha ca confesse in oitras terras de ce inxarcarem as ruas cum regas, antes pello çuntraio in fazendo um pésinho de vento anda toudo u bicho nu ar que inté us polmões d'uma peçoã ce arregalam. Tamem u pouvo é munto ben criado, principalmente as pecheiras que in a jente le ófresendo sinco mel reis pur meia dusia de carpaus de ga-to mandão a jente áquella parte que



tu çabes. Us aduertimentos é que ção muntos a çaber: munta jente a ulhar uma prá oitra de manhẽ na peraiã i á tarde nu cazino adondes á noute ce dá á perna cum bon fin, ou pur oitra, pra çasar, animatofos, retratos a 250 reis cada sinco i um ome a vender pirolis i a dezer ás çaxopas: xóra! xóra! é tan douce! Já ce çabe como as çubestencias istan pela ora da morte á menina que almosa i janta pirolis i fás açim a festa cum pataco pur dia. Peçoas çunhesidas pur inquanto çó u mê culega nas letras Juão de Barros, u ator Rapouso du Nassional, que in-trou pra ópra i cum isto nan te infado mais purque tanhẽ de ir prantar um tustão nu 26 da ruleta pur cer u numbro dus noços anus de çasados i dá muntas arrecumendasões deste teu is-pouso ca vida te deseija inté ó dia de jui-so ámem, ós noços bacros i mais familia. Figuêra da Fós 20 de çetembro de 1919.

Jerolmo.

Empzarão do Paul'leama do Pe-as Avivas

EM FOCO

Madame Helies

"A mãe dos soldados portugueses"



Coisa alguma faltou à tal madama,
Conforme era dever da rapaziada:
Discursos, foguetorio, janturada,
Tudo o que possuimos de mais fama.

E' certo que houve um militar da trama
Que pouco bem a recebeu de entrada,
Mas é percalço que não vale nada
E em que toco sómente pela rama.

Preitos, emfim, de toda a natureza
E, para complemento, esta poesia
Que é, áparte a modestia, uma beleza.

Belmiro a consagrou! Quem tal diria?!
Palavra que é a unica franceza
Que se pode gabar d'essa honraria!

BELMIRO.

Desmentidos

ele assinalada, sem faltar um decimili-metro.
Noticiaram os jornais que ha dias foram inutilizadas 27 toneladas de peixe e os interessados (não os consumidores, que esses não têm interesse nenhum n'estas coisas) publicaram um desmentido n'estes termos: «Só foram inutilizadas perto de 9 toneladas...»

Só?! Que barulho por causa de meia dúzia de petingas!

Orã como os rapazes são endiabrados, certo dia os discipulos lembraram-se de lhe fazer uma partida, a qual consistiu em erguer a pedra, collocar-lhe por baixo um jornal e pô-la de novo onde estava.

Chegou a noite e o nosso sabio subiu ao costumado ponto de observação. De subito, exclamou, com os olhos esbofahados:

— O' que extraordinario fenomeno!

— Que foi? que foi? interrogaram

Monte que desce

Segundo se lê nas revistas scientificas o Monte Branco, cuja altitude era de uns cinco mil metros, acusa, pelas ultimas medições, uma diminuição de cincoenta metros na sua verticalidade, facto que nos leigos tem causado enorme assombro. E nos leigos dizemos, porque os sabios apresentaram immediatamente mil explicações do fenomeno, todas elas satisfatorias...

E a proposito, ai vai uma anedota, que talvez não conheçam, mas se conhecem façam de conta que não conhecem e fiquemos amigos como d'antes.

Certo astromono, professor n'uma universidade alemã, era tido como infalível em calculos e todas as noites costumava subir a um pedregulho que havia na cêrca da escola e d'ái observava a altura das estrelas e d'outras bugiangas que povoam os espaços celestes, verificando, com um sorriso superior, que os astros se conservavam á distancia da terra por



os alunos, que se encontravam perto, á espera do resultado.

— Que foi?! Ou a terra subiu, disse o catedratico, ou os astros desceram!

Tivera artes de aperceber a diferença produzida pela espessura d'uma folha de papel, desde a obra!

Não é inverosimil . que com o Monte Branco se tenha dado caso semelhante. Aquilo foi pedrinha que tinha por baixo e que os garotos lhe tiraram.

A verdade sobre a guerra

«HAVANA. 8.—Um jornal d'esta cidade diz que o ataque dos peles vermelhas aos aviões americanos foi uma película animatografica de acordo com um operador».

(Dos jornaes).



O incompreendido :

—Aqueles patetas dos aliados ainda não perceberam que o que eu queria fazer era uma fita cinematografica !